

## 6 Conclusão

Uma nova e avassaladora utopia da vida, onde ninguém será capaz de decidir como os outros morrerão, onde o amor provará que a verdade e a felicidade serão possíveis, e onde as raças condenadas a cem anos de solidão terão, finalmente e para sempre, uma segunda oportunidade sobre a terra.

Gabriel García Márquez, *Discurso para o Prêmio Nobel*

A justificativa para a entrada do *Realismo Mágico* de Gabriel García Márquez na discussão da disciplina de Relações Internacionais dependeu primordialmente de uma caracterização da modernidade ocidental e da forma como a epistemologia das Relações Internacionais é sua expressão. Mas foi no interior mesmo do conhecimento que se pretendeu conceber uma concepção mais ampla acerca do político. Pretendi demonstrar com a contribuição de vários autores que a produção do Ocidente é ainda indispensável, porém, simultaneamente inadequada para tentar compreender os acontecimentos de uma modernidade pós-colonial.

A hipótese levantada neste trabalho foi a de que habitamos nós temporais em que o outro (o fantasma) está sempre aí e que o importante não é conversar com ele, mas deixá-lo falar em si, no outro e no outro em si. Com esta hipótese em mãos, pretendeu-se enriquecer a discussão em torno de uma modernidade pós-colonial a partir da maneira como a narrativa de *Cem Anos de Solidão* opera politizando a estética em um mundo cujas conexões não se limitam à representação da humanidade em divisões estatais. Para além de uma concepção estreita do político, foi em torno de uma ênfase prática e re-presentacional que se pretendeu avaliar a maneira pela qual houve a circulação de um ícone estético que pretendia repetir metaforicamente uma nação.

Enquanto inserida em um jogo de poderes (significativos, psíquicos, políticos, econômicos), não pretendi fazer do livro uma interpretação definitiva sobre a subjetividade de Gabriel García Márquez. Procurei, ao contrário, tecer as várias considerações feitas ao livro e formular uma hipótese que nos ajudasse a compreender o interesse absorvente do leitor moderno. A linha que divide o *Realismo Mágico* ilustra como a consciência histórica aprisionou outras formas de conceber o mundo. Por isto, o oxímoro não deixou de estar sujeito aos problemas da interpretação:

No exagerado universo de Macondo, o sofrimento assumiu um aspecto irreal. García Márquez sempre quis desfazer essa visão, insistindo repetidamente que “cada linha de todos os meus livros parte da realidade”. Porém não há como negar que em *Cem anos de solidão* esse rico colorido, esse modo tantas vezes jocoso de inesgotável vivacidade imaginativa, vibrante demais para ser confinada a qualquer realidade científica, pode às vezes ocultar o que ele tanto se empenha em transmitir. Quando olhamos para além desse colorido dado à vida aqui refletida, não podemos deixar de ver que ela é dura, implacável, e oferece pouco consolo àqueles que são forçados a vivê-la (Strathern, 2009, p.79)

A absorção literária recebeu uma imagem (parcial) de um mundo desiludido, condenado ao fracasso e ao subdesenvolvimento que para isto teve de confabular milhares de peripécias e aventuras para mitigar a pauperização. Algumas teorias sobre este gênero caíram no conto do vigário do “pós-modernismo”, a ideia de que a modernidade é um absurdo e que a restituição originária da pré-modernidade pode vir a salvar um mundo decadente (Zamora, 1995; Rincón, 1995). Para uma outra vertente de inspiração foucaultiana, o Realismo Mágico não é nada mais do que uma continuação da colonização por outros meios, ou seja, a narrativa que aufere autonomia e singularidade para uma identidade latino-americana que se orgulha da sua história é, no fundo, uma história contada pelo “estrangeiro”, o que significa que os aparatos burocráticos e de conhecimento insistem em modelar as nossas subjetividades, impondo-nos uma identidade fixa (Echevarría, 2006; Martin, 2010). Uma terceira proposição girou em torno de uma proposta “desconstrucionista” (Warnes, 2009) estipulando uma metodologia para se estudar o *Realismo Mágico* e as intenções por trás de cada autor como estando entre uma ontologia (“faith”) e uma epistemologia (“irreverência”). Da mesma forma, através de uma perspectiva dos indecidíveis, Daniel Erickson (2009) argumentaria que a metáfora dos romances pós-coloniais

poderia ajudar o leitor a se libertar das estruturas de exploração e subdesenvolvimento a que estaria confinado o continente por causa do legado imperialista. Para todas, uma noção de isolamento da nação insiste em se diferenciar através da solução espaço-temporal da soberania estatal. Nesta dissertação, pretendi demonstrar como esta cultura nacional é, na verdade, um sujeito dividido.

Para estudar essa bibliografia a hipótese proposta foi a de que o que tornou possível a todos estes autores terem algo a dizer sobre o *Realismo Mágico* e consequentemente sobre a América Latina é o fato de habitarem um espaço-tempo disjuntivo, de modo que são os fragmentos fantasmáticos (espectros) que os assombram obsessivamente em busca do reconhecimento e da solidariedade. Com o interesse de restituir um conhecimento sobre si mesmo, o contato com os saberes utilitários e normas que transmitem uma experiência moral (comunitária) abunda nesta literatura de modo que o leitor os percebe como de outro tempo. Simultaneamente, é justamente por causa do interesse deste leitor/pesquisador/antropólogo (sujeito moderno) em escrutinar e documentar (acúmulo de saber) para fins de justiça social que as experiências de um outro tempo podem vir à superfície. Isto vem revelar algo profundo sobre este sujeito-cognoscente moderno. Ele paga um alto preço por tentar conhecer a verdade de si mesmo: é em detrimento dos valores de outras práticas e outras experiências da modernidade que o sujeito moderno pretende manter a sua superioridade narcísica. No caso do romance mágico-realista a mágica é aquilo que deve ficar o mais afastado possível. A mágica só se permite existir numa mitologia pré-moderna ou confinado na literatura de ficção.

Como afirmou Stephen Hart (2007), o *Realismo Mágico* possui a capacidade de representar a realidade objetiva (numa dimensão mágica), mas somente sob a condição de se ver forçado a “desaparecer” do outro lado da linha política, de gênero ou raça. Para transmitir as várias experiências e práticas através da imagem visual da escrita, Gabriel García Márquez teve de aprender a manejar este tempo fracionado, de modo que pudesse encenar retrospectivamente aquelas visões de mundo na qual uma solidariedade pudesse existir. É este desafio que move hoje o anseio por uma provincialização da Europa. Dentro do terreno da construção histórica, os seus excluídos tentam restaurar para si um nome e usurpar violentamente este universal para nele habitar (“worlding”).

É compreensível que insistam em nos medir com a mesma vara com que se medem, sem recordar que os estragos da vida não são iguais para todos, e que a busca da identidade própria é tão árdua e sangrenta para nós como foi para eles. A interpretação da nossa realidade a partir de esquemas alheios só contribuiu para tornar-nos cada vez mais desconhecidos, cada vez menos livres, cada vez mais solitários. (Márquez, Discurso para o Prêmio Nobel)

A *ética da solidão* interpela este universal secular e modernizante pela solidariedade. Cabe dizer que esta solidariedade não existe em *Cem Anos de Solidão*. No fundo, o romance inteiro funciona como uma grande interpelação sobre a ausência da solidariedade. As vítimas desta história permanecem como uma lembrança na consciência histórica: “Eram três mil...” Enquanto conceito político, a solidão funciona como desejo de justiça. Justiça para com aqueles que foram vitimizados em nome da modernidade. Esta modernidade paradoxal cuja atualidade depende tão somente de “agoras”. É por isto que Gabriel García Márquez não tem a mínima pretensão de contar uma “verdade”. A sua narrativa é feita e tão somente feita em torno do povoamento de invenções e reinvenções: “A vida não é a que a gente viveu, e sim a que a gente recorda, e como recorda para contá-la” (Márquez, 2003). Trata-se de uma aposta nas nossas próprias abstrações sem a necessidade de nos justificarmos diante de alguma autoridade, dispositivo moral, necessidade histórica ou verdade.

Gabriel García Márquez sabe que esta vida dura e implacável poderia ter, sim, seus efeitos minimizados através de efeitos econômicos. *Cem Anos de Solidão* representa uma crítica aos poderes do progresso e da civilização no modelo da exploração e da dominação. Mas ela também se ressentida da ausência deste progresso como demonstram os frequentes episódios de esquecimento. É por isto que é em torno das estruturas apocalípticas que ele evoca novas possibilidades de começo. Este anseio de justiça é movido pela hipótese da *estrutura messiânica*, que antecede a todas as outras estruturas: “espera, promessa, engajamento para com o acontecer do que vem, iminência, urgência, exigência de salvação, de justiça para além do direito, garantia dada ao outro enquanto não-presente, presentemente presente ou vivo, etc.” (Derrida, 1994, p.223). Derrida toma este nome emprestado do messianismo abraâmico para estabelecer uma estrutura *a priori* quase ateológica, mas que está no coração das principais religiões (cristã, judaica e muçulmana) e que fundamenta “as questões de nação,

do Estado, do direito internacional, dos direitos humanos e do Bill of Rights, em resumo”.

Em *Cem Anos de Solidão* as estirpes condenadas a cem anos de solidão nunca mais terão um lugar na terra. Em a *Crônica de uma morte anunciada* o final é igualmente apocalíptico, já anunciado de antemão. Todas estas estruturas apocalípticas demonstram como que a narrativa permanece apesar da transitoriedade da vida humana (poesia). Marx, no *Manifesto do Partido Comunista* expressou este anseio de salvação através da transcendência imanente. A revolução é a chance de fazer com que o espectro do comunismo desapareça. Porém estava explícita em sua teoria a metafísica da presença de um materialismo da natureza. As revira-voltas que ocorrem no tempo histórico também demonstram que nada é tão irremediável quanto parece. É assim que Walter Benjamin relembra que a revolução quando aliada à teologia é sempre possível. Mas também Gabriel García Márquez. Ao querer abundar a impressão que teve o tempo mítico (arquetípico) de *Cem Anos de Solidão*, o autor que também escreveu o *Outono do Patriarca* conta a história metonímica da América Latina da ditadura sob a expectativa de um general em querer transcender o tempo dos homens através de uma ficção inventada. No final, acabara inexoravelmente por torna-se uma vítima do próprio tempo da condição humana.

Através da sua **poética solitária** – o argumento maior desta dissertação – percebe-se que não é o valor conferido apenas às narrativas que interessa a Gabriel García Márquez. O encontro sempre pode ocorrer entre novos sujeitos e inesperados sujeitos, mesmo se não existem, não são mais ou ainda não são. Sem abdicar a uma utopia revolucionária, tal como propunha a violência divina de Benjamin, uma justiça terrena e que preza pela vida tem direito a um lugar na história de Gabriel García Márquez. Não é somente a transcendentalidade do discurso que lhe importa. No final do seu discurso para o prêmio Nobel, ele conclui: “Um dia como hoje, meu mestre William Faulkner disse: ‘Eu me recuso a aceitar o fim da humanidade’”. Frente a ameaça da destruição atômica, em um mundo dividido bipolarmente entre as grandes potências do século XX, o autor de *Cem Anos de Solidão* quer afirmar que ninguém é capaz de decidir sobre a forma da morte de outra pessoa. É acerca e em torno da possibilidade mesma da justiça na vida e pela vida, mas além da mera vida (“bloss Leben”) que a ação e o conhecimento têm na possibilidade da mudança o seu horizonte. Márquez inverte

os finais apocalípticos dos romances no discurso Nobel só para mostrar que as narrativas não são nada sem o homem; nada sem a sua vontade de se eternizar. As raças condenadas a cem anos de solidão terão agora uma segunda oportunidade sobre a terra. Deuses e seres supernaturais fazem parte deste mundo precisamente porque é em nome deles (e do número deles) que as práticas são exercidas. Em uma realidade como esta (mágica) não é preciso torná-la crível aos olhos de uma consciência histórica. A sua agência não precisa ser imaginada para se fazer compreender. Ela já está lá. A circularidade do *Realismo Mágico* mesmo o prova. Ele é o excesso que faz com que do romance, da prosa e dos textos realistas uma definição estreita do político seja interpelada em seus próprios termos.